

TRANSCRIÇÕES

EXCURSÃO A REGIÃO COLONIAL ANTIGA DO RIO GRANDE DO SUL

ORLANDO VALVERDE

Chefe da Secção Regional do Leste, do CNG.

I — INTRODUÇÃO

O presente trabalho resulta principalmente de observações de campo, realizadas em fevereiro-março de 1948. Apesar de ser pequena a área a que êle se refere — pois nem mesmo tóda a região colonial antiga foi percorrida (fig. 1) — trata-se simplesmente de um reconhecimento geográfico; não tem a pretensão de ser um estudo exaustivo.

A excursão teve como objetivo iniciar os trabalhos de campo para a elaboração do fascículo referente ao estado do Rio Grande do Sul do «Atlas da Colonização do Brasil», que o Conselho projeta publicar. O segundo objetivo que se teve em vista foi o de entrar em contato com as autoridades e personalidades do Estado que poderão auxiliar na elaboração do Atlas. *

Participaram da excursão o Prof.

Leo Waibel, assistente-técnico do Conselho Nacional de Geografia, o Prof. Nilo Bernardes, geógrafo do mesmo Conselho, e o autor; êstes sob a orientação científica do primeiro.

O método de pesquisa de campo aplicado pelo Prof. Leo Waibel, cujas idéias influíram neste trabalho nos seus próprios fundamentos, tem a particularidade de compreender a observação da paisagem cultural, especialmente da geografia econômica e da geografia agrária.

A ambos os companheiros de viagem, o autor agradece o auxílio de tóda ordem que êles lhe prestaram durante e depois da excursão.

O grande planalto de efusivas básicas triássicas, denominadas **trapp** em seu conjunto, pelos geólogos, cobre a maior parte dos estados meridionais do Brasil. O seu relêvo é moderadamente ondulado e descamba suavemente em direção aos rios Paraná e Paraguai. Partindo de cotas próximas dos 1 000 metros no seu bordo oriental, êle alcança, nas margens desses rios, altitudes de cêrca de 100 metros.

* O autor agradece, em nome do Conselho Nacional de Geografia, aos senhores Dr. REMY GORGA, diretor do Departamento Estadual de Estatística; Dr. ARTUR AMBROS, diretor de Terras e Colonização; Dr. LUCIANO CORSETTI, prefeito municipal de Caxias do Sul; Sr. VITÓRIO RANZOLIN, agente municipal de Estatística do mesmo município; Sr. BENNO MENTZ, comerciante; Dr. FLORIANO PEIXOTO MACHADO, vice-diretor do Instituto Coussirat Araújo; Dr. MARIO SPERB, prefeito municipal de São Leopoldo; Dr. ADOLFO AMBROS, secretário do Diretório Regional de Geografia; Dr. HANS THOFERN, funcionário do mencionado Diretório; à diretoria do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e demais membros que receberam os participantes da excursão; aos industriais de Caxias do Sul, e a todos aquêles que gentilmente nos auxiliaram, que não foram mencionados nominalmente para não alongar mais a presente citação. Sem os valiosos préstimos de todos êles, o projeto de execução do Atlas teria de ser abandonado *in limine* e o presente trabalho não teria vindo a lume.

ximidades dos rios por sedimentos recentes, que formam as planícies aluviais. As do Caf e dos Sinos são as maiores delas.

A região colonial antiga do Rio Grande pode, portanto, ser dividida nas seguintes zonas fisiográficas:

- 1) Baixada;
- 2) Encosta;
- 3) Planalto.

A intervenção humana constitui, dentro de cada uma dessas zonas, tipos de paisagem diferenciados, que serão estudados individualmente.

II — BAIXADA

I — Zona Industrial

Quem viaja de Porto Alegre para Taquara, por estrada de ferro ou de rodagem percorre uma faixa muito industrializada, que se estende de Canoas até Sapiranga.

Esta faixa de paisagem relativamente uniforme compreende duas partes: a primeira, que termina depois de Sapucaia, de povoamento antigo; a segunda, que começa em São Leopoldo, de povoamento moderno, obra da colonização oficial com imigrantes alemães. Esta última é a única parte que nos interessa no presente trabalho.

O relevo da zona industrial é construído pelas colinas da base da Serra e pelas várzeas do rio dos Sinos e seus afluentes. Excluindo estas, que geralmente não são ocupadas, os solos são arenosos e muito pobres, resultantes da decomposição do arenito Botucatu.

Nos trechos de zona rural compreendidos entre os centros urbanos, o aproveitamento da terra é, quase sempre, feito em função das indústrias desses centros, com exceção apenas de dois pequenos «anéis» de criação de gado leiteiro, que cercam as cidades de São Leopoldo e Novo Hamburgo.¹

Esta área foi talvez primitivamente toda coberta de matas, salvo nas várzeas. A devastação da floresta teve início mesmo antes da chegada dos primeiros colonos alemães. Hoje em dia, praticamente nada resta da vegetação original. A mata pluvial sub-tropical foi substituída em parte por numerosas quadras uniformes

de duas espécies exóticas: o eucalipto e a acácia negra (*Acacia decurrens*). Algumas dessas quadras formam matas artificiais de grandes extensões. A madeira da acácia é aproveitada para lenha e a casca para a produção de tanino, que é empregado na indústria de couros. Além disso, sendo a acácia uma leguminosa, fixa o nitrogênio no solo. Essas são as vantagens que, especialmente nesta região, a acácia apresenta sobre o eucalipto. Ambas são fatores de crescimento muito rápido.

Há um elemento que concorre para distinguir a paisagem agrícola colonial da que se observa na zona de povoamento mais antigo: são os mandiocais, em grande número, que fornecem matéria prima para uma ou mais indústrias de São Leopoldo e Novo Hamburgo.

Além do elemento propriamente fisiográfico — pobreza dos solos — outros fatores concorreram para essa verdadeira vocação industrial desta zona. Dentre esses fatores, um de grande relevância é a mão de obra especializada dos colonos alemães. Aliás é um fato sabido que desde o início da colonização, não vieram somente agricultores. Contrariando disposição expressa do governo imperial, o major Schaefer, representante do governo para recrutar colonos na Europa, não se limitou a mandar lavradores; vieram também artesãos e até soldados. Era natural que isso acontecesse porque o major Schaefer recebia um tanto por cabeça que vinha para o Brasil, 2 Mas, até certo ponto, o interesse pessoal dele veio beneficiar o nosso país, ao contrário do que então pensava o nosso governo.

Também a proximidade e a facilidade de comunicações com Porto Alegre vieram favorecer a evolução industrial desta zona. Antes da construção da estrada de ferro, já as comunicações eram fáceis por meio da navegação fluvial, que mantinha tráfego regular no rio dos Sinos até Taquara, bem como por estrada carroçável, que não tinha nenhum obstáculo importante a vencer.

Mas, na minha opinião a pobreza dos solos também concorreu muito para que os habitantes da faixa de São Leopoldo e Sapiranga abandonassem a lavoura e se dedicassem à indústria. Porque em ou-

1 Vide LEO WAIBEL: A teoria de VON THUNEN sobre a influência da distância do mercado relativamente à utilização da terra. Sua aplicação a Costa Rica. *Rev. Bras. Geogr.*, ano X n.º 1, jan.-mar. 1948, pp 3-40.

2 F. DE LEONARDO TRUDA: A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul, pp. 36-37.

tros lugares em que os colonos também eram alemães e as facilidades de comunicações com Porto Alegre eram semelhantes, tal como em Cai e Dois Irmãos, a fertilidade das terras atraiu os colonos para a agricultura, relegando a indústria para um plano secundário.

Em muitos lugares do Brasil, a industrialização tem começado súbitamente, pela aplicação de capitais e construção de fábricas em regiões agrícolas ou criadoras, que não tinham anteriormente nenhuma tradição industrial. Em São Leopoldo e Novo Hamburgo não aconteceu assim. A indústria evoluiu a partir de um artesanato rural: ferreiros e funileiros tornaram-se proprietários de estabelecimentos metalúrgicos; curtidores de couros têm hoje fábricas de calçados, etc.

Esta é talvez a razão porque a indústria se tornou tão diversificada. Na zona industrial funcionam fábricas de papel, papelão, cartonagem, fósforos, óleos, tintas e vernizes, artefatos de metal: fogareiros, fechaduras, correntes, etc. Mas de todas as indústrias, a mais importante, tanto pelo capital invertido, número de empregados, quanto pelo número de estabelecimentos e sua difusão, é a indústria de artefatos de couro. Quase todas as fábricas de sapatos, malas, etc., têm os seus próprios curtumes. Tirando vantagens da proximidade das fazendas de criação, os colonos alemães, com o talento industrial que lhes é inato, transformaram a indústria caseira a que estavam habituados, numa indústria em larga escala. Os campos não eram somente fornecedores de matéria prima; eram também áreas de consumo do produto acabado.

Segundo o testemunho do Dr. Mário Sporb, prefeito de São Leopoldo, a indústria de couros é anterior à construção das estradas de ferro. Ele ainda se lembra do tempo em que as ligações ferroviárias não estavam completas na zona industrial e os carretões dos colonos desciam a serra carregados de couros, vindo da região de Vacaria e São Francisco de Paula para abastecer as indústrias de São Leopoldo, Novo Hamburgo, Campo Bom e Sapiranga. Atualmente, vêm couros até da Cam-

panha Gaúcha transportados por trem.

A evolução da indústria de artefatos de couro não se processou de maneira regular e contínua. A princípio era promissora, conforme indica o relatório de 1835, do Dr. Hillebrand, diretor da colônia. Nesse tempo, já existiam sete curtumes em São Leopoldo. A década de 1840 foi um período de prosperidade, mas na de 1850 prevaleceu a decadência. O relatório da Câmara Municipal de São Leopoldo no ano de 1858 diz que «os sessenta curtumes que existiam em princípio de 1854, hoje estão reduzidos ao número de trinta e dois». (3)

A causa geralmente evocada para explicar a decadência da indústria era a falta de apoio do governo imperial. Com a guerra do Paraguai, a fabricação das guarnições de couro e metal, perto do teatro das batalhas, veio simplificar um grave problema de intendência e trouxe um impulso definitivo não só à indústria de couros como à metalúrgia.

SÃO LEOPOLDO

A cidade de São Leopoldo teve, como origem, a primeira colônia alemã que se fundou no Rio Grande do Sul. Pode-se dizer que a data do seu nascimento foi a de 25 de julho de 1824, dia em que a primeira leva de colonos desembarcou no então Passo do Rio dos Sinos.

A planta da cidade mostra, ao primeiro relance, que o traçado urbano teve um desenvolvimento planejado. Na parte antiga da cidade, as ruas se cortam em ângulo reto, formando uma rede ortogonal (fig. 3). Realmente, é um fato conhecido que São Leopoldo foi planejada antes da chegada dos colonos, no local onde estava anteriormente a Real Fcitoria do Linho Cânhamo.

Suge então o problema: Quais foram os elementos levados em linha de conta para a escolha da posição e do sítio, tanto de São Leopoldo, quanto da Fcitoria? Porque se obstinou o governo em erguer «naquele local» uma colônia?

São Leopoldo foi fundada numa épo-

3 «Relatório da Câmara Municipal de São Leopoldo, no ano de 1858» — Revista do Arquivo Público. Números 15-16 1924 P. 450. Referência encontrada nas páginas 104 e 105 do livro A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul de autoria de F. DE LEONARDO TRUDA.

Nas páginas 102 a 106 dessa obra, encontra-se uma interessante narrativa da história da indústria de couros em São Leopoldo.

ca de crescente tensão política no Prata. Até o fim da década de 1820, prolongaram-se as lutas no Uruguai. O governo imperial necessitava manter comunicações fáceis e contínuas com o Rio Grande e, até então, essas comunicações só tinham como via segura, o mar. O caminho terrestre, que entrava no Rio Grande pelo li oral, era constantemente ameaçado pelos índios.

O fim colimado pelo nosso governo, na escolha da posição da Real Feitoria do Linho Cânhamo, e posteriormente da colônia de São Leopoldo, era, portanto, fundar um posto de vanguarda para proteger a estrada e a zona povoada. Assim sendo, o núcleo deveria estar além do limite do povoamento, que passava nessa época, logo ao norte de Sapucaia, (4) e ao longo do trecho navegável do rio dos Sinos, de maneira que ficassem garantidas, fáceis comunicações fluviais. (5) Mas o objetivo do governo não foi instalar aí um posto militar, que especialmente nessa época representava uma ocupação precária e, muitas vezes, efêmera tratou-se de promover uma colonização permanente, baseada na agricultura e na pecuária. Por isso, devemos remontar à escolha da posição e do sítio da primitiva Real Feitoria do Linho Cânhamo.

A Feitoria ocupava anteriormente o rincão de Canguçu, de onde resolveram mudá-la, em virtude da pobreza do solo. Essa mudança efetuou-se no ano de 1788, vindo a terminar em janeiro de 1789. (6) Segundo narra Aurélio Porto 7, um dos elementos levados em consideração para a escolha da Feitoria, foi a proximidade dos campos de Estância Velha. Caso eles fossem incorporados à Feitoria, esta poderia criar aí quatro a cinco mil cabeças de gado, que seria vendido na Aldeia dos Anjos (hoje Gravataí), a 4 léguas de distância, ou em Porto Alegre, a cerca de 7 léguas. Esta atividade econômica suplementaria as culturas do linho, do trigo e de outros produtos, que seriam praticados nas terras de mata mais próximas. A Real Feitoria do Linho Cânhamo ia reproduzir então os dois tipos tradicionais da

economia rural brasileira, que até hoje prevalecem: agricultura nas terras de mata e pecuária nas terras de campo; ambas em exploração extensiva. Para exercer esta dupla atividade, a sua sede foi colocada nas proximidades do limite entre a mata e o campo. Era, portanto, mais conveniente que a sede da Feitoria ficasse na margem meridional do rio dos Sinos a fim de evitar o trabalho da travessia deste, cada vez que se tivesse de fazer o percurso entre a sede e os campos de criação.

Quando se instalou a colônia de São Leopoldo, não se levou em consideração essa questão da proximidade dos campos. Nada mais se fez do que estabelecer a sede da colônia onde era a da antiga Feitoria aproveitando as instalações já existentes. Por conseguinte, os fatores que presidiram à primeira escolha subsistiram.

Mas não é só quanto ao critério da posição que São Leopoldo é uma «cidade de borda de mata». A descrição do sítio da Feitoria feita pelo inspetor Moraes Sarmiento, transcrita por Aurélio Porto, é bastante expressiva:

«É composto o dito terreno de vários campestres cobertos, de diferentes tamanhos, assim como de capões de mato da mesma forma, que os dividem, de roças e capoeiras que são cultivadas pelos moradores que teve e tem. Os campestres não são altos, sendo alguns imediatos ao rio inundados em ocasiões de enchentes, porém, na maior parte das vezes livres e enxutos». (p. 18).

Esta informação salienta dois fatos geográficos importantes:

1.º) quando foi instalada a Feitoria, já a mata original tinha sido parcialmente devastada;

2.º) «as várzeas campestres cobertas», na linguagem do inspetor exerceram a função de verdadeiras cabeças de praia para o povoamento da Feitoria.

De acôrdo com a experiência que tenho colhida em outros lugares do Brasil, de condições semelhantes, posso afirmar que as várzeas dos rios têm sido freqüente-

4 «Quando os primeiros penetradores do hinterland riograndense começaram a se fixar no território que devassavam, e a povoá-lo com suas estâncias de criação de gado, um dos primeiros estabelecimentos ali feitos, no hoje município de São Leopoldo, foi a Fazenda de Sapucaia, em que se localizou ANTONIO DE SOUSA FERNANDO, tronco de uma das maiores famílias riograndenses».

AURÉLIO PORTO: O trabalho alemão no Rio Grande do Sul, p. 17.

5 Op. cit., p. 19

6 Op. cit., p. 20.

7 Op. cit., pp. 18-20

mente utilizadas como ponto de partida para a destruição das matas e a consequente instalação de núcleos de povoamento, no limite delas. Daí a ocorrência de topônimos, incluindo as palavras «várzea», «vargem» e até mesmo em certos casos, «campo».

O conhecimento das origens históricas de São Leopoldo vem, portanto, trazer luz sobre os critérios para a escolha da posição e do sítio da cidade: ela foi uma típica cidade de «borda de mata», quer quanto ao sítio, quer quanto à posição.

Embora por motivos já expostos, existissem razões fortes para a escolha da margem sul (esquerda) do rio para o es-

tabelecimento da Feitoria, a observação de campo comprova que, na altura em que ela se encontra, a escolha do sítio na margem norte (direita) seria muito inconveniente, senão impossível. A margem direita é baixa, facilmente alagável e inadequada à construção de um porto (fig. 3).

A maneira pela qual São Leopoldo soube conservar através de toda a sua evolução, desde a chegada dos primeiros colonos até hoje, o seu papel de centro cultural social e religioso dentro as colônias alemãs, daria um tema interessante para um estudo histórico. A cidade soube aproveitar sua condição de «primogênita» das colônias, mas essa vantagem inicial tem importância muito secundária. Ao lado do Rio Grande está o exemplo de Santa Catarina, em que São Pedro de Alcântara a colônia mais antiga, é atualmente um núcleo acanhado, sem nenhuma influência na área colonial desse estado.

São Leopoldo decepiona como paisagem alemã. Com exceção da igreja da praça, em estilo germânico, todas as ruas têm o mesmo aspecto luso-brasileiro das nossas demais cidades. (Fig. 4). Nada tem de comparável ao ambiente germânico de Blumenau e Ibirema (ex-Hansa Harmonia). Em compensação, ela ultrapassa qualquer expectativa quanto ao número de seminários, colégios religiosos e livrarias.

NOVO HAMBURGO

Vista de longe, Novo Hamburgo tem uma fisionomia de cidade européia: entende-se sobre uma colina baixa ⁸, de encostas suaves e tem edifícios com torres ponteadas. Entretanto, o aspecto interior dela não dá essa impressão.

Novo Hamburgo e Hamburgo Velho formavam antigamente dois núcleos distintos. Mas hoje em dia, o segundo é apenas um dos bairros do primeiro (fig. 5). Por que teriam surgido dois aglomerados urbanos tão próximos um do outro, numa região cujo povoamento foi planejado?

Naturalmente Hamburgo Velho, como o próprio nome indica, é o centro mais antigo. Denominava-se Hamburger-Berg e data de antes de 1852. ⁹ Foi outrora uma

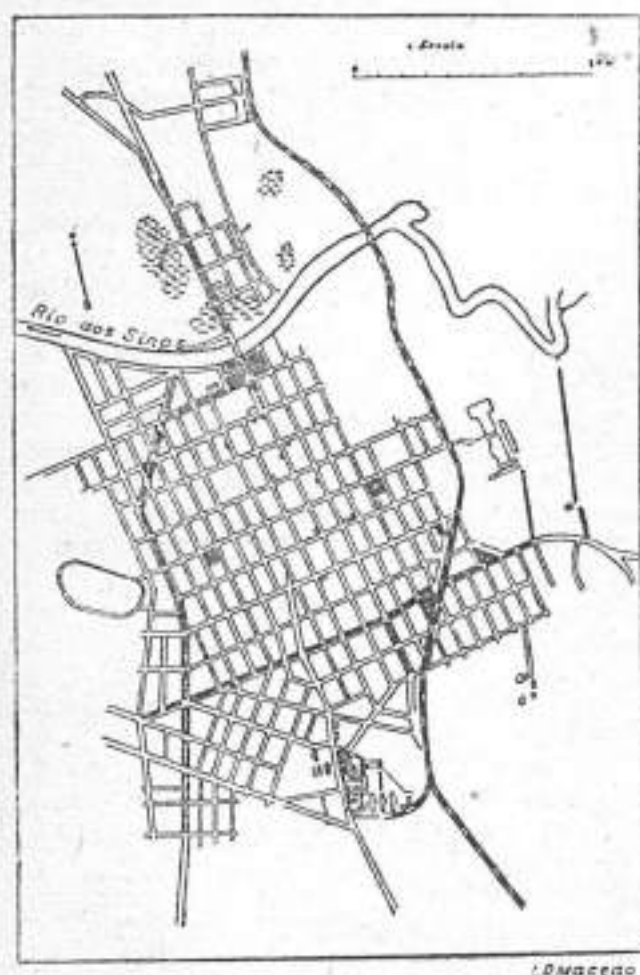


Fig. 3 — Planta da cidade de São Leopoldo. As ruas cortam-se em xadrez, especialmente na parte central. Na periferia, o crescimento do núcleo urbano englobou antigas estradas, que não respeitam a rede ortogonal das ruas.

⁸ A estação ferroviária de Novo Hamburgo, situada a meia encosta, está a 27 metros de altitude.

⁹ Vide LEOPOLDO PETRY: O Município de Novo Hamburgo, monografia, p. 7.

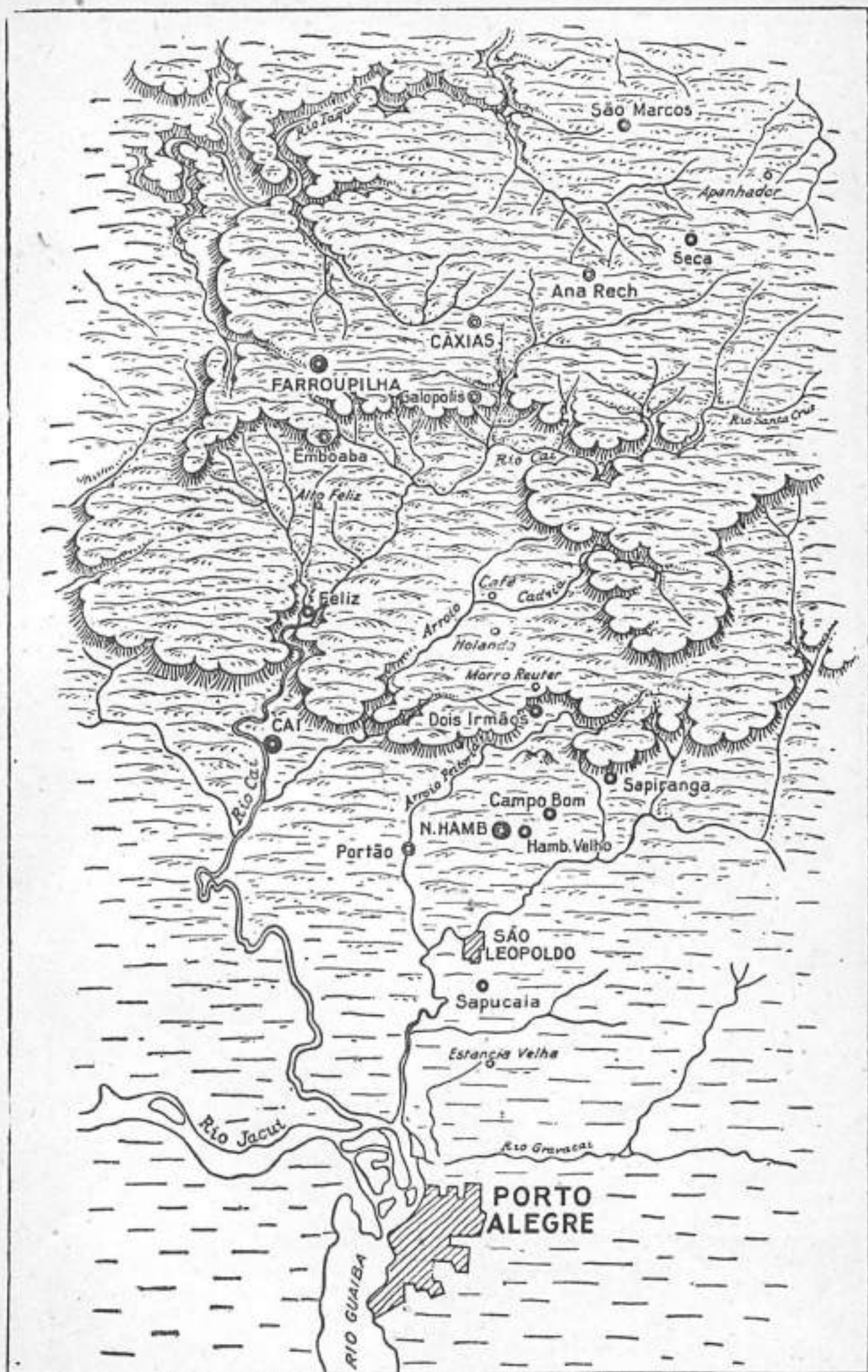


Fig. 2 — Mapa do relevo da região colonial antiga



Fig. 4 — Praça principal de São Leopoldo. No centro, vê-se o fundo da Igreja que defronta a ponte sobre o rio dos Sinos. O edifício grande à esquerda da igreja é o seminário. De acôrdo com a tradição germânica, a igreja e o seminário estão no centro da cidade. (Foto do autor — 949)

Strassendorf¹⁰ de modelo clássico. Posteriormente, superpuseram-lhe um plano urbanístico com traçado de ruas em xadrez.

Novo Hamburgo tem uma origem diferente; não foi devidamente à colonização planejada; é antes fruto do acaso. A companhia inglesa que obtivera concessão do ferro, interrompeu os seus trabalhos quase exatamente no local onde é hoje a estação ferroviária de Novo Hamburgo. Este, allás, foi o nome dado à estação terminal. Em consequência, o comércio de Hamburgo Velho começou a deslocar-se para Novo Hamburgo, dando origem à cidade. A este tipo funcional de cidades, os geógrafos de língua alemã deno-

minam *Umschlagplatz*, que significa «ponto de mudança de meio de transporte».

Anos mais tarde, com o prolongamento da estrada de ferro até Taquara, Novo Hamburgo perdeu a sua função primitiva, mas então toda a rede de estradas carroçáveis que antes unia o ponto terminal da ferrovia ao seu *hinterland*, já estava organizada. Assim, Novo Hamburgo não veio a sofrer, porque manteve a função de cidade de entroncamento de estradas. Além disso, um parque industrial já se tinha estabelecido em Novo Hamburgo, com especial ênfase na indústria de calçados. A concentração industrial em Hamburgo Velho, atualmente, é também

¹⁰ Strassendorf é um aglomerado de tipo linear (isto é, que se desenvolve ao longo de uma estrada. Esta estrada constitui a única rua do núcleo. Há vários tipos de Strassendorfer. Um deles é *Waldhufendorf* (derivado de *wald* — floresta; *hufen* — faixas compridas de terra; *dorf* — núcleo de povoamento rural; isto é, um «aglomerado de lotes coloniais na mata»). Ele se caracteriza pelo fato de que as casas se espaçam com certa regularidade ao longo da estrada. Isto porque os lotes têm geralmente forma retangular, e as casas estão colocadas no meio da fachada de cada lote. O espaçamento das casas, que depende de largura dos lotes, dá em geral um tipo de povoamento disperso. O exemplo mais típico de *Waldhufendorf* neste trabalho é a vila de Dois Irmãos (fig. 10). Outro tipo de Strassendorf que encontraremos adiante neste trabalho é a Strassendorf irregular. Neste, as casas ficam mais cerradas umas às outras e a estrada, que pelo menos originalmente é um simples caminho carroçável, tem traçado irregular. A Strassendorf irregular é um produto do agrupamento espontâneo. Ana Rech é um exemplo deste tipo de Strassendorf. (fig. 34).

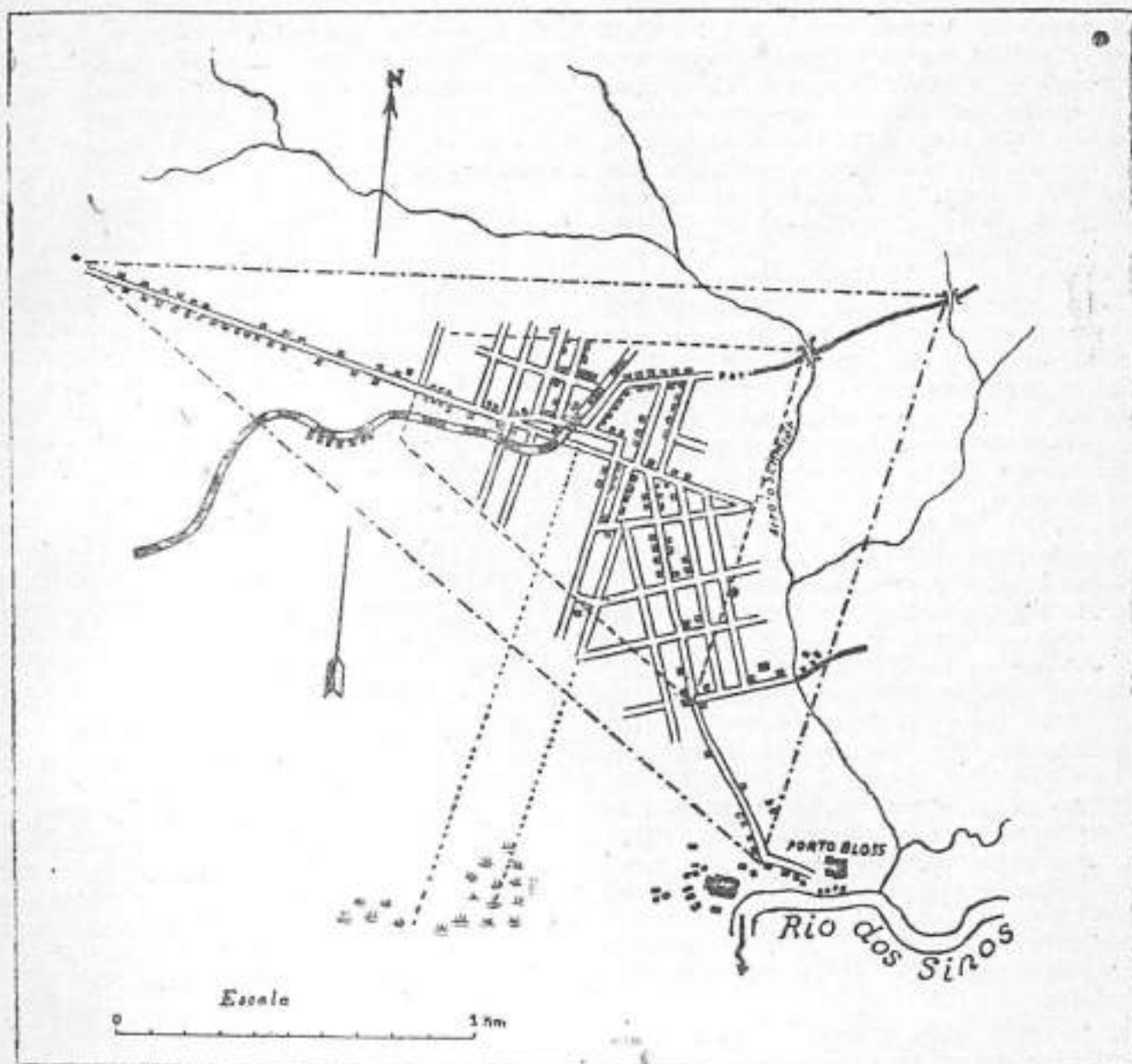


Fig. 6 — Planta de Campo Bom

dustrializados, a bem dizer, os artefatos de couro. Era também por Pôrto Bloss que Campo Bom recebia tôdas as mercadorias importadas do sul, que subiam o rio.

Segundo informação do Dr. Mário Sperb, há uns 50 anos atrás Campo Bom era a estação inicial de uma estrada de ferro que ia até Taquara. Essa estrada era independente da que ligava São Leopoldo a Pôrto Alegre; entre Campo Bom e São Leopoldo havia um hiato. Essa ligação ferroviária só foi feita muitos anos mais tarde.

Assim sendo, a via que ligava Campo Bom a Pôrto Bloss era de muita circularidade depois que foi feita a ligação, e, ao longo dela, se foi estendendo o povoamento urbano. Mais tarde, provà-

ferroviária de Campo Bom com São Leopoldo, um plano com ruas perpendiculares foi adaptado ao traçado de ruas então existente, dando origem à planta actual do núcleo urbano.

Tanto Campo Bom como Sapiiranga vivem em função da indústria de calçados. Hoje em dia, a primeira dessas cidades possui 18 fábricas e a segunda, vinte e duas ou vinte e três.

E' inútil procurar lavouras bem organizadas, salvo alguns mandiocais, nos arredores desses centros urbanos. As terras, ou são plantadas com eucaliptos e acácias, ou são abandonadas (fig. 7).

2 — ZONA AGRÍCOLA

No trecho compreendido entre Cai e São Leopoldo, que convencionamos deno-

minar «zona agrícola da baixada», o relevo apresenta colinas suavemente onduladas e alguns raços morros tabulares e terraços estruturais. O terreno é composto em toda a sua extensão pelo arenito Botucatu. As mesas de arenito são formas residuais, ainda não destruídas pela erosão, que indicam a proximidade da soleira sobre a qual assentam os derrames de trapp.

Desse arenito argiloso resulta um solo vermelho, pobre, facilmente atacável pela erosão, cujos sinais encontramos com frequência neste percurso. A natureza do solo é da maior significação para esta zona, porque o que forma o contraste entre a paisagem dela e das suas vizinhas é o uso da terra.

A singularidade desta zona é que ela estava situada à margem das principais vias de comunicações, que passavam pelas suas extremidades: a via fluvial por Cai e a via férrea por São Leopoldo. O resultado foi que ela não pôde evolver industrialmente. As fábricas que nela se instalassem não poderiam competir com êxito com as que estavam localizadas nas próprias cidades servidas por essas vias.

Por outro lado, o solo pobre não favorecia uma agricultura em moldes tão intensivos como a do vale do Cai, por exemplo. As propriedades aqui deviam ser grandes e realmente o são. Em decorrência disso, a população é relativamente mais rarefeita.

A solução que os seus habitantes encontraram para esse problema foi dedi-

carem-se a atividades agrícolas que servissem não a mercados longínquos, mas à própria zona industrial. A principal dessas atividades é a silvicultura. As florestas artificiais de eucalipto e, em menor escala, de acácia negra, ocupam uma área vastíssima.

Além da produção de madeira para combustível e de casca de acácia, só têm significado econômico os «potreiros» (pastos cercados) e os mandiocais. Os potreiros são maiores do que os do vale do Cai, porque as pastagens são muito mais pobres. Cada animal necessita aqui uma superfície maior de pasto para o seu sustento. A mandioca, por ser pouco exigente quanto ao solo, desenvolve-se bem.

CAI

Em um dos extremos da zona agrícola está a cidade de Cai. O seu traçado, como perfeito tabuleiro de xadrez, demonstra que o núcleo urbano foi planejado desde a origem (fig. 9).

O porto fluvial de Cai exercia uma função regional importantíssima. Era o escoadouro de uma vasta área do planalto, que compreendia Caxias do Sul e Farroupilha. Também uma parte da encosta, que engloba as picadas Café e Holanda, exportava os seus produtos por caminhos carroçáveis, que desciam o vale do arroio Cadeia. Um leque dessas estadas unia o porto de Cai ao seu hinterland.

Quando chegamos a Cai, ficamos surpresos de ver como hoje em dia quase não há comércio na cidade; as casas re-



Fig. 7 — Paisagem da zona agrícola de Campo Bom. — Fotografia tirada a 2 quilômetros de Campo Bom, no caminho para Sapiranga. As pequenas manchas brancas à esquerda são as últimas casas de Campo Bom. Notar a grande quantidade de eucaliptais. No primeiro plano, terra devastada, em abandono. Não se vê nenhuma lavoura, que aliás são raras em toda a zona industrial. (Foto do autor — 1948)

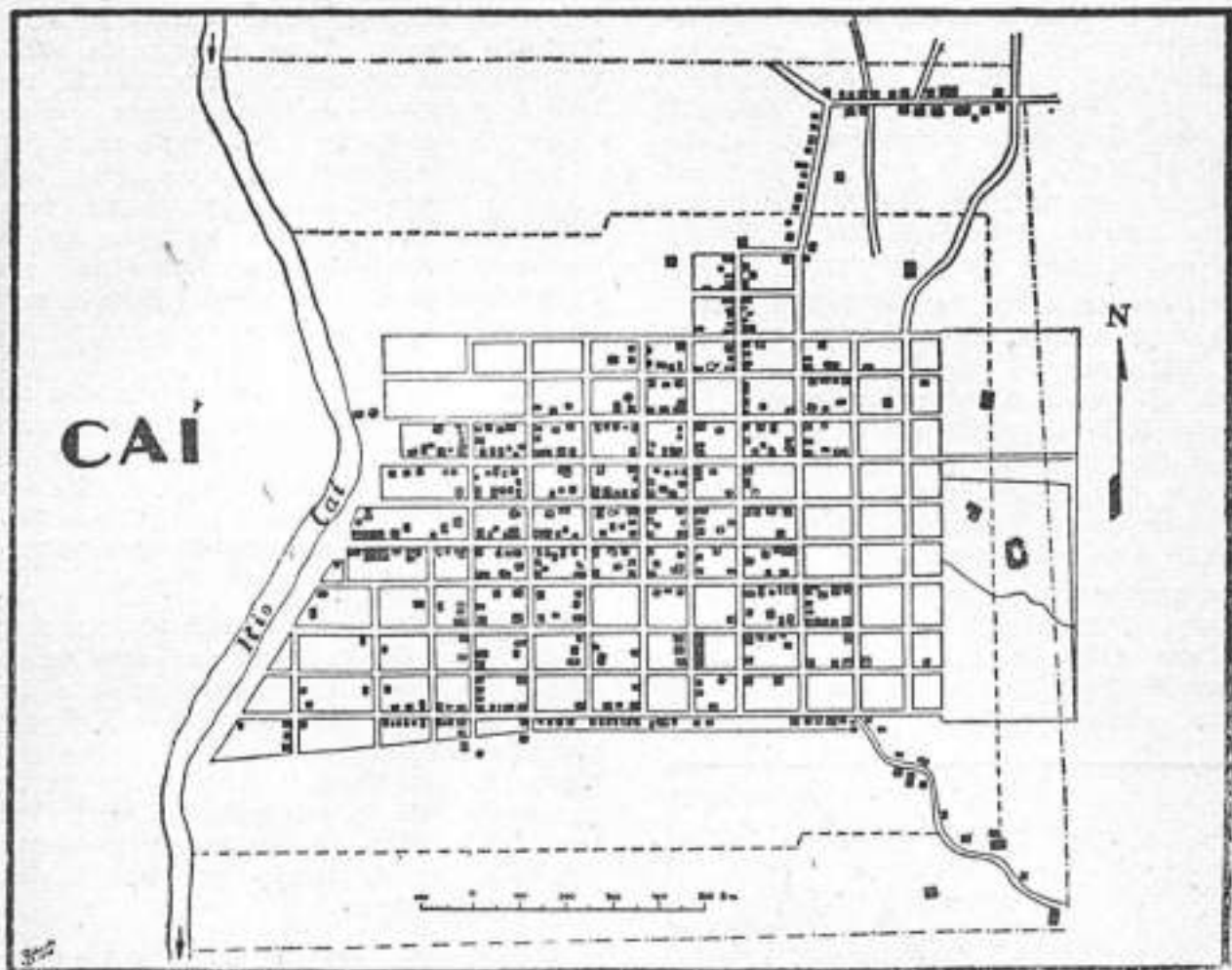


Fig. 9 — Planta de Cai

sidenciais chegam até o centro urbano. Contaram-nos que a chegada dos trilhos a São Leopoldo foi um golpe de morte no comércio de Cai. São Leopoldo fez uma captura econômica, semelhante a uma captura de rio. Quase todo o hinterland de Cai passou a drenar para São Leopoldo. A navegação fluvial pediu sua importância em relação à estrada de ferro. O prolongamento da ferrovia até Caxias do Sul, que foi concluída em 1910, tornou o próprio vale do Cai e o planalto, independentes do seu antigo porto. A recente construção da rodovia Getúlio Vargas veio consolidar ainda mais a vitória de São Leopoldo sobre Cai.

Parece que os administradores compreenderam este fato. Uma estrada de rodagem concretada está sendo construída entre Cai e São Leopoldo, em substituição à atual estrada de terra batida. Cai pas-

sará de uma vez por todas à categoria de «afluente» de São Leopoldo, mas o seu comércio certamente ressurgirá.

III — ENCOSTA INFERIOR DA SERRA

k — Zona de Dois Irmãos

O divisor de águas secundário que separa a bacia de drenagem do arroio Feitoria da do rio Cai, separa também a zona industrial de Dois Irmãos, fundamentalmente agrícola.

O relevo da zona de Dois Irmãos é formado essencialmente por um vasto estrutural a 180-200 metros de altitude, sulcado pelo arroio Feitoria e seus afluentes. Sobre ele está situada a vila de Dois Irmãos, tendo de cada lado dois afluentes do Feitoria, que correm na direção N-S. Esses dois cursos d'água, abriram uma grande depressão na escarpa, que foi aproveitada pela moderna rodovia Getúlio Vargas 11 para galgar o planalto.

11 A rodovia Getúlio Vargas, também conhecida localmente pelo nome de Estrada Federal, é uma parte da rodovia Pan-Americana. Já está concluída no trecho entre Porto Alegre e Lajes. A parte dela que nos interessa no presente artigo é a que une a capital gaúcha à cidade de Caxias do Sul

Os solos dessa área são bastante férteis constituídos ora pelo material decomposto carreado do planalto de trapp para o vale, ora pela decomposição do trapp *in situ*, que encontramos nos cortes da Estrada Federal a partir de cerca de 9 quilômetros além de Novo Hamburgo, viajando em direção a Caxias do Sul, a 150 metros de altitude, aproximadamente.

Dois Irmãos é uma típica *Waldhufendorf*. Surgiu numa linha colonial (figs. 10 e 11). Sua única rua se estende numa extensão de 3 quilômetros, aproximadamente, na direção N-S, aproveitando a direção dos vales afluentes. Os lotes (*Hufen*) se distribuem perpendicularmente; na direção EW, portanto. Praticamente toda a população é de origem alemã.

Originalmente, os lotes em Dois Irmãos tinham, todos, as dimensões normais de uma «colônia», isto é, 100 braças de frente por 1 600 de fundo (a braça tem 2,20 metros). Hoje em dia cada lote, em ge-

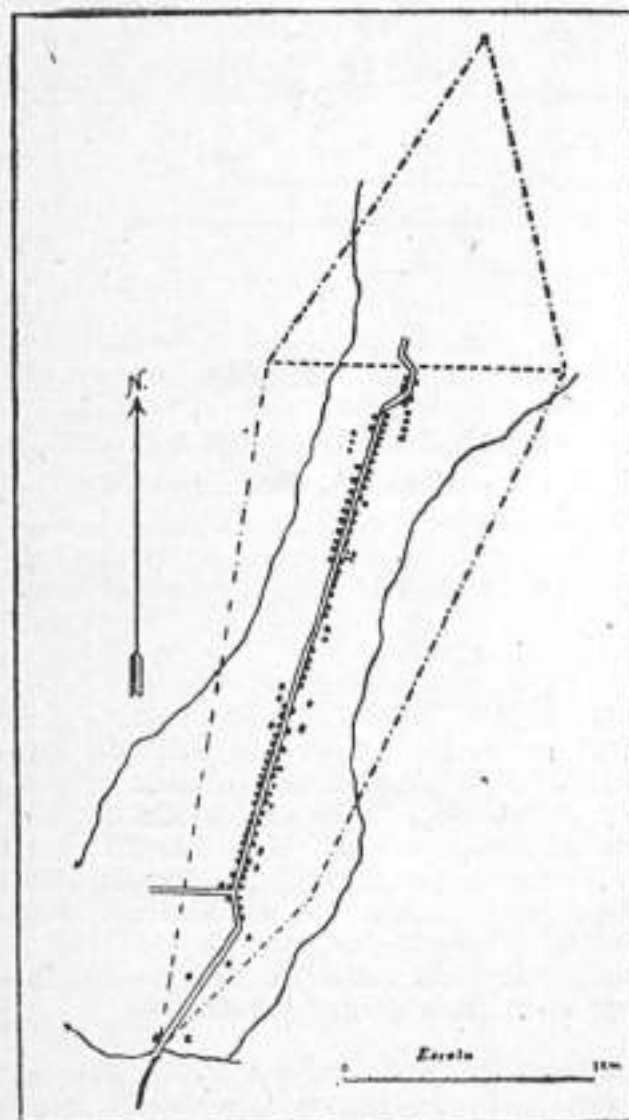


Fig. 10 — Planta de Dois Irmãos

ral, mede somente uma quarta, ou sejam 25x1 600 braças. Essa maneira de subdividir os lotes no sentido longitudinal, tornou-os desmesuradamente longos em relação à largura. Este fato repercutiu muito no tipo de povoamento e na agricultura. Tendo a frente dos seus lotes assim reduzida, tornou-se possível agrupar as casas mais densamente, ao longo da rua. Elas se sucedem com regularidade, a mais ou menos 25 braças uma da outra.

Cada lote é, assim, uma verdadeira faixa de 55 metros (25 braças) de largura, por 3,520 quilômetros (1 600 braças) de comprimento. Esta enorme extensão ocupa não somente todo o vale, como também sobe a parte inferior da encosta (fig. 12).

A casa está sempre colocada na frente do lote. Os sistemas agrícolas usados dentro de cada propriedade se vão tornando cada vez mais extensivos à proporção que aumenta a distância da casa. A teoria de Von Thünen sobre o uso da terra em função da distância do mercado, tem aqui aplicação dentro de cada propriedade, numa escala por assim dizer «microgeográfica».

A partir da casa do colono até o fundo da propriedade, sucedem-se três sistemas diferentes de exploração de terra.

Em torno da casa, a terra tem o seu aproveitamento mais intensivo. Aí ficam os jardins e hortas, que correspondem exatamente ao «anel» de horticultura (*truck farming*). Cada agricultor possui apenas umas duas ou três vacas, que são guardadas à noite em estábulos. Nestes, o estêrco é recolhido para ser empregado somente nesta primeira faixa. O gado é muito pouco para produzir adubo suficiente para todas as lavouras, ao contrário do que acontece em Santa Catarina, por exemplo.

Em seguida, começa a faixa onde se pratica a rotação de culturas, que ocupa o terraço da faixa de *truck farming* e vai até a base da encosta. Aí, o costume de arar o solo é generalizado, mas não se emprega o estêrco. Para compensar essa deficiência na adubação, os colonos costumam incluir em sua rotação de culturas, o cultivo de leguminosas, as quais têm a propriedade de fixar o nitrogênio no solo. Não há, porém, nenhuma rotação definitivamente estabelecida entre os colonos. Aparentemente, cada lavrador

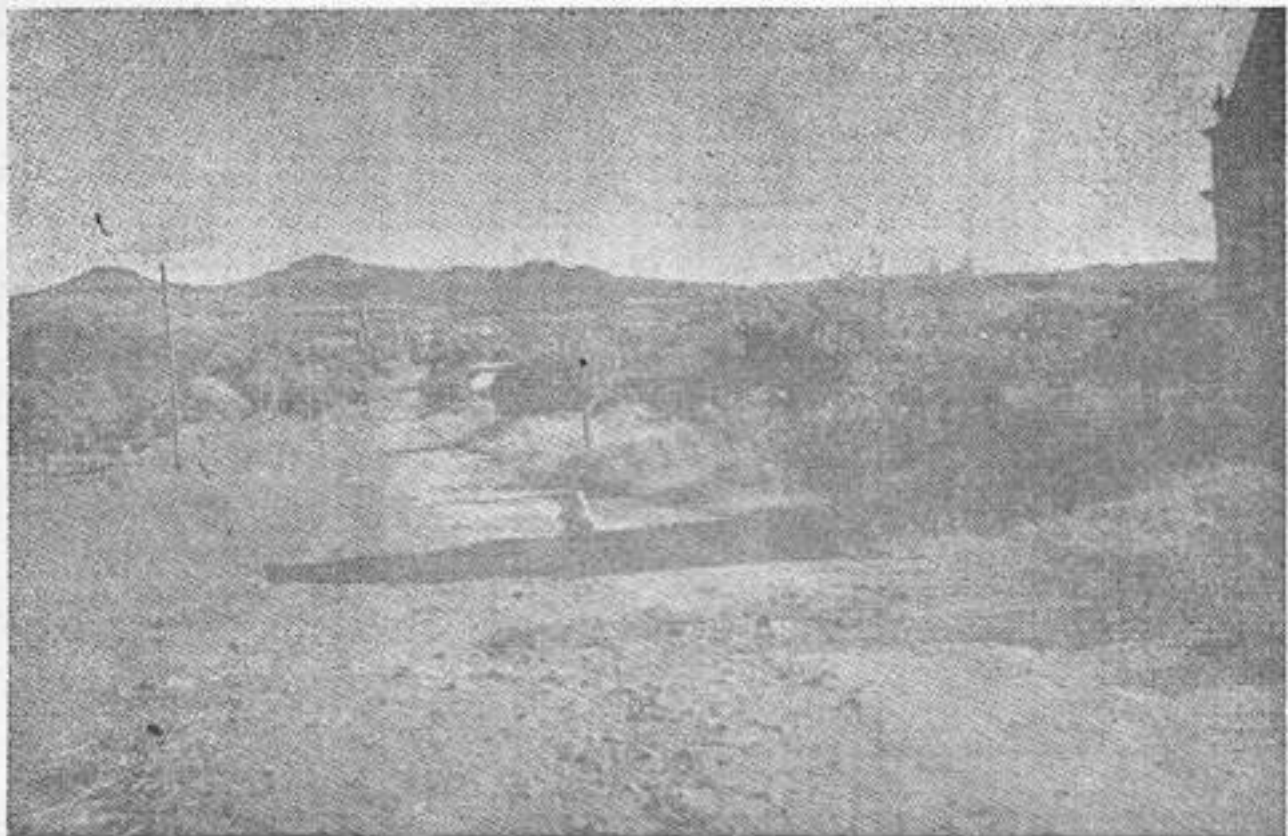


Fig. 11 — Vista geral de Dois Irmãos, com sua única rua. As casas estão em parte encobertas pelas árvores. Do lado esquerdo podem-se divisar duas tórres de igreja. No horizonte está o morro dos Dois Irmãos, que deu nome ao lugar. São dois morros-testemunhos, correspondentes a um nível estrutural do trapp. (Foto do autor — 1948).

em seu sistema próprio. Contudo, obedece-se em geral à seguinte seqüência:

- 1.º ano — milho;
- 2.º ano — arroz ou amendoim;
- 3.º ano — feijão ou ervilhas;
- 4.º ano — mandioca.

As lavouras dos três primeiros anos, acima relacionadas, são tôdas, culturas de verão. Nos intervalos dessas culturas, isto é, durante o inverno, cultivam-se a batata, o trigo, a cevada e a aveia. Tôdas estas culturas são utilizadas na alimentação do gado e dos porcos. O rodízio consome, por conseguinte, um espaço de tempo que regula de 4 a 6 anos.

A começar da base da encosta até o fundo da propriedade, estende-se a faixa de «rotação de terras melhorada». O terreno aí não é aproveitado 100% ao mesmo tempo, porque parte dêle é deixada em capoeiras, para repouso. Cultivam-se o arroz, a cana (para gado), a batata inglesa e o milho. O descanso da terra em capoeira se prolonga por 4 ou 5 anos. É de crer que êste sistema seria esgotante num lugar de solo pobre ou de relêvo enérgico.

A ocorrência dêste tipo mais extensivo de agricultura aqui poderia ser explicada, no caso presente, simplesmente pela to-

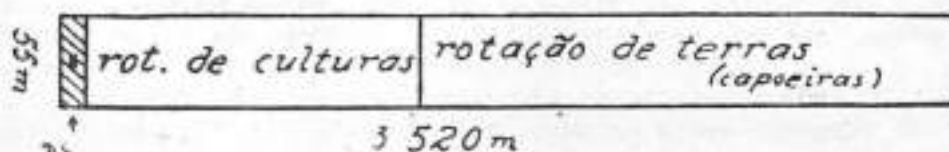


Fig. 12 — Esquema de uma «colônia» (lote) em Dois Irmãos, com o respectivo aproveitamento da terra. As dimensões não foram reduzidas proporcionalmente (se o fôsssem, o lote deveria ser representado muito mais estreito ou muito mais alongado).

pografia. Mas não resta dúvida de que a distância da casa tem também um papel capital. A distância que o lavrador tem de caminhar para ir ao fundo de sua propriedade é enorme. Se lá fôsse aplicado um tipo intensivo de lavoura, êle teria de fazer diariamente êste enorme percurso várias vêzes: para ir e voltar do trabalho e para ir e voltar do almoço. Isto seria um grande desperdício de esforços e de tempo. Por outro lado, a topografia por si só não explica absolutamente a disposição das faixas de hortas e de rotações de culturas, em relação uma à outra.

Há muito poucas casas velhas de «enxaimel»¹³ em Dois Irmãos. Quase tôdas são novas, bonitas, construídas de tijolos, cercadas de jardins floridos. Tudo demonstra prosperidade. A vila possui três igrejas, sendo uma católica e duas protestântes (uma evangélica e outra do Sinodo de Missouri).

A terra está muito valorizada: o hectare vale 2 contos, em média. O hectare de mata original, se ainda houver alguma nos arredores, custará cerca de 10 contos.

Alguns lavradores já começaram a comprar adubo artificial, especialmente para as culturas de batata inglesa e milho. Aquela é o principal produto comercial da zona de Dois Irmãos. E' colhida duas vêzes por ano.

Além de batatas, Dois Irmãos exporta arroz, amendoim e porcos.

2 — ZONA DE VILA FELIZ

A paisagem do vale do Cai é bastante diferente das de tôdas as regiões circunvizinhas. Em todo o estado, êsse vale é uma região famosa, chamada vulgarmente «zona da alfafa».

O rio forma ao longo de seu curso uma faixa estreita de várzea. Em compensação, o terraço com 10 a 15 metros de altura relativa, tem um desenvolvimento enorme: ocupa quase todo o fundo do vale.

Aí predominam os pastos plantados e cuidadosamente tratados para a criação de gado leiteiro. Os pastos são limpos de tôdas as pedras, que são empilhadas

para formar os muros, ou simples montes isolados no meio das pastagens (figs. 13 e 13 A)

Tal como na zona de Dois Irmãos, só são cultivados intensamente os terraços e as partes inferiores das encostas, onde o declive é mais suave.

As propriedades têm, em média 6 a 7 hectares, mas a terra é muito fértil: resulta da decomposição do trapp. Cada lavrador tem geralmente 4 a 5 vacas holandesas Holstein e cerca de 20 porcos.

Como os laticínios são o objetivo da produção, dá-se ênfase à cultura de forragens, das quais a mais importante é a alfafa. Cultivam-se também, em menor escala, milho, aipim e cana forrageira, para a alimentação dos animais.

Os Kleebauern¹⁴ — conforme são chamados os lavradores do Cai pelos colonos



Fig. 13 — Pastos plantados no vale do Cai. Aqui as pedras foram reunidas formando pilhas no meio do pasto. (Foto do autor, 1-3-1948).

13 A casa de «enxaimel» é aquela que tem a estrutura de vigas de madeira externamente. O intervalo entre as vigas é preenchido com tijolos, que podem ficar a descoberto ou ser revestidos com uma camada de rebôco. Êste tipo de casa foi trazido para o sul do Brasil pelos colonos alemães. Ê típico de regiões da média Alemanha, tais como a Francônia, o Hesse, o Hunsrück e a Renânia.

14 «Kleebauer» significa «lavrador de alfafa». Rigorosamente falando, a alfafa em alemão é chamada Luzerne; Klee é o nome dado a uma planta muito semelhante à alfafa.

do alto vale — aram a terra e jamais a queimam. O sistema agrícola que empregam é o da rotação de culturas. Além de empregar o estrume, eles costumam espalhar cinzas no campo, enquanto alguns usam adubo artificial.

Um campo é cultivado com alfafa durante quatro a seis anos seguidos. Depois desse período, o terreno é fertilizado com estêrco e plantado com milho durante dois anos. Findo esse prazo, tornam a arar e de novo a alfafa é cultivada por mais cinco ou seis anos.

Produzem para o mercado: leite, para as duas fábricas de queijo de Alto Feliz, e porcos para os frigoríficos situados abaixo no vale.

Estas práticas agrícolas e econômicas racionais vêm sendo levadas a efeito há

rural próspera e densa. Essa área intensamente povoada é apenas interrompida perto da cidade de Cai, por alguns quistos de latifúndios.

Aqui temos outro sistema de rotação de culturas: é o molde clássico europeu, combinando a pecuária à lavoura, empregando o estêrco, usando o arado e dando ênfase à produção de laticínios.

Este segundo sistema constitui uma paisagem com um número de poteiros muito maior do que no sistema empregado em Dois Irmãos. É o modo de distingui-los à primeira vista.

IV — ENCOSTA SUPERIOR DA SERRA

1 — Morro Reuter — Galópolis

Ao redor da zona de Dois Irmãos, começam a aparecer roças novas. Aqui e



Fig. 13 A — Outra vista de pastos plantados, no vale do Cai. As pedras aqui foram reunidas em forma de muro, sem argamassa.

uns trinta anos. Os lavradores trabalham muito e bem. Com isso, suas terras foram muito valorizadas: custa hoje 3 000 a 5 000 cruzeiros o hectare.

O vale do Cai sustenta uma população

acolá vêem-se palmeiras (*Arecastrum romanzoffianum*), remanescentes da antiga floresta que desapareceu. O relevo vai ficando cada vez mais acidentado. O trapp aflora de vez em quando com tôdas as suas características: decomposição em

bolas, coloração cinzento escura, formação de solo vermelho escuro. Também surgem as características de relevo: terraços estruturais que formam rupturas de declive nas encostas. O que predomina na paisagem agrícola são as capoeiras, algumas das quais com grande porte, alternando com as lavouras de milho. Isto indica que o sistema agrícola adotado nesta área é o da rotação de terras a longo prazo.

relativamente denso. Os campos de milho e as capoeiras baixas ocupam um terraço até a beira da escarpa inferior (fig. 15). E vão para cima até onde a inclinação do terreno permite a lavoura, junto à base da escarpa superior ao terraço. Nestas condições, quase todas as escarpas estão recobertas por uma faixa de mata, cuja parte superior marca com certa precisão, o rebordo de cada terraço. Dada a sua coloração escura, a floresta forma como

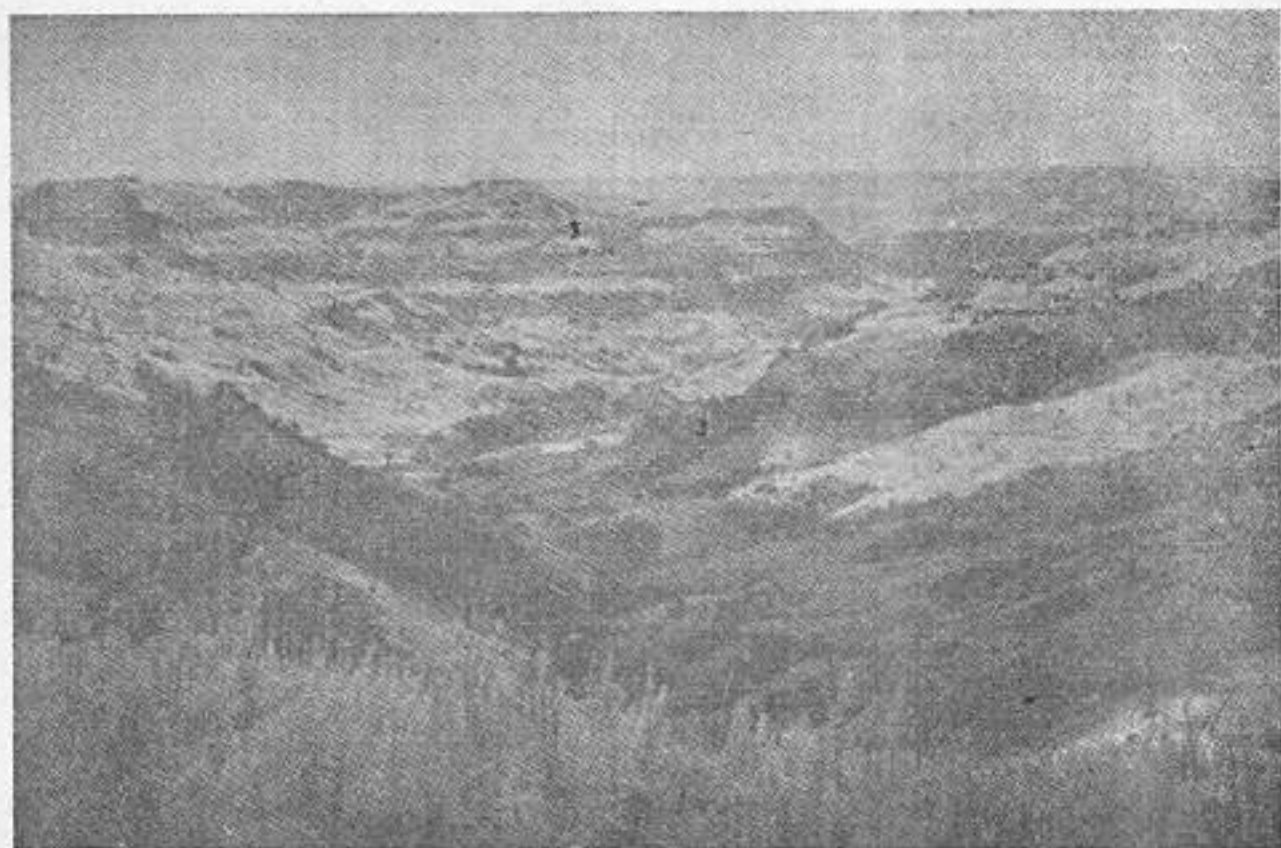


Fig. 14 — Vale que disseca a escarpa do Planalto, entre Emboaba e Alto Feliz (bacia do Cai). Notar a quantidade de terraços estruturais com os respectivos «debruns da mata».

Mais para o norte é que a verdadeira paisagem da encosta se define.

Os derrames sucessivos da eruptiva básica formaram camadas superpostas. Estas foram dissecadas pelos rios, que rasgaram vales profundos. Uns, num estágio mais avançado, alargaram os seus vales e abrandaram suficientemente os declives de suas encostas, a ponto de permitirem alguma lavoura nelas. Dada a resistência que cada lençol de trapp oferece à erosão, as encostas nunca são regulares; formam sempre uma sucessão de patamares e escarpas, que terminam no fundo do vale, muitas vezes por um verdadeiro cañon.

Nos vales deste tipo, o povoamento é

que um sombreado, reforçando o contorno dos terraços, marcando as rupturas de declive. Esse aspecto dá uma aparência bizarra às fotografias aéreas (fig. 31). Tem-se a impressão de que o tipo de agricultura da região é muito avançado, porque os «debruns» de mata parecem trabalhos de terraceamento para defesa contra a erosão. Infelizmente isso não é verdade.

Como a ocupação desses vales é muito intensa, a propriedade da terra é muito re'alhada. A rotação de terras tem que ser feita, então, a curto prazo. Não se dá tempo para que as capoeiras atinjam pleno desenvolvimento e restituam ao solo sua fertilidade primitiva.

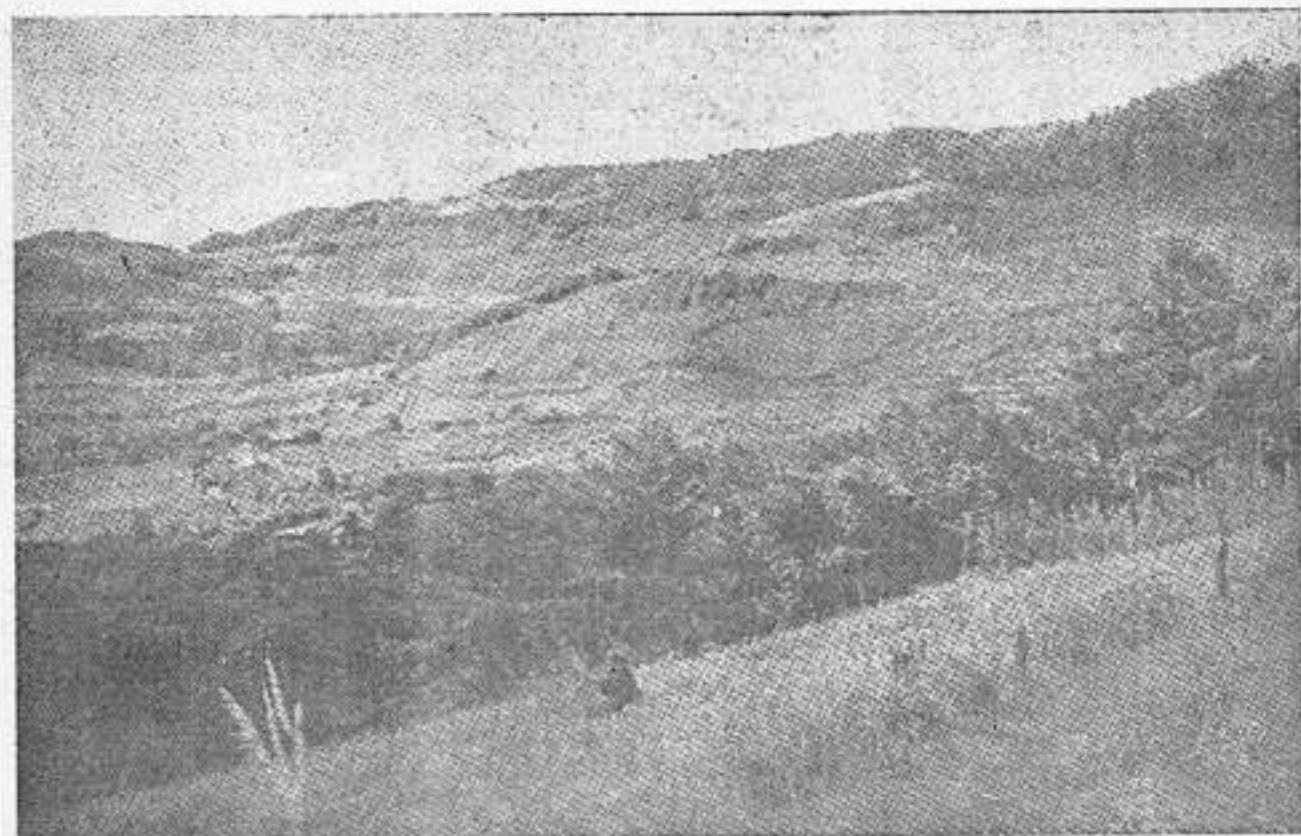


Fig. 15 — Lavouras em terraços estruturais de trapp na encosta do Planalto, perto de Morro Reuter. São as primeiras que se avistam quando se vai dêsse lugar em direção a Caxias do Sul. Notar as matas que debruam cada patamar. No fundo do vale há lavouras com rotação de culturas. (Foto do autor — 2-3-1948)

Em todo o percurso através desta zona, isto é, desde Morro Reuter (fig. 16) até Galápolis, pratica-se uma agricultura de tipo indígena. O aproveitamento da terra limita-se à monocultura do milho

para a criação de porcos, originalmente com o objetivo de exportar banha. Isto é consequência do isolamento em que ficou esta região, que não evoluiu para outro tipo de economia, como o fizeram geral-



Fig. 16 — O povoado de Morro Reuter, num dos patamares estruturais da encosta da Serra. Este patamar é o mais desenvolvido da encosta superior da Serra. Ao fundo, à direita, o Morro dos Dois Irmãos, ao pé do qual fica a linha colonial dêsse nome.

mente as demais zonas coloniais alemãs. Este tipo de paisagem, cujo objetivo de produção é a banha, é secular nas colônias alemãs. Leopoldo Petry, no seu livro **História da Colonização Alemã no Rio Grande do Sul**, o confirma na página 25: «Não resta a menor dúvida, por exemplo, de que, o feijão e a banha constituem, durante mais de um século, uma excelente fonte de renda...»

Referi-me com certa minúcia à paisagem que caracteriza os vales mais largos. Há porém os vales estreitos, profundamente entalhados em forma de V, alguns verdadeiros cañons.

Neste percurso de Morro Reuter a Galópolis passamos pelo menos por três desses vales.

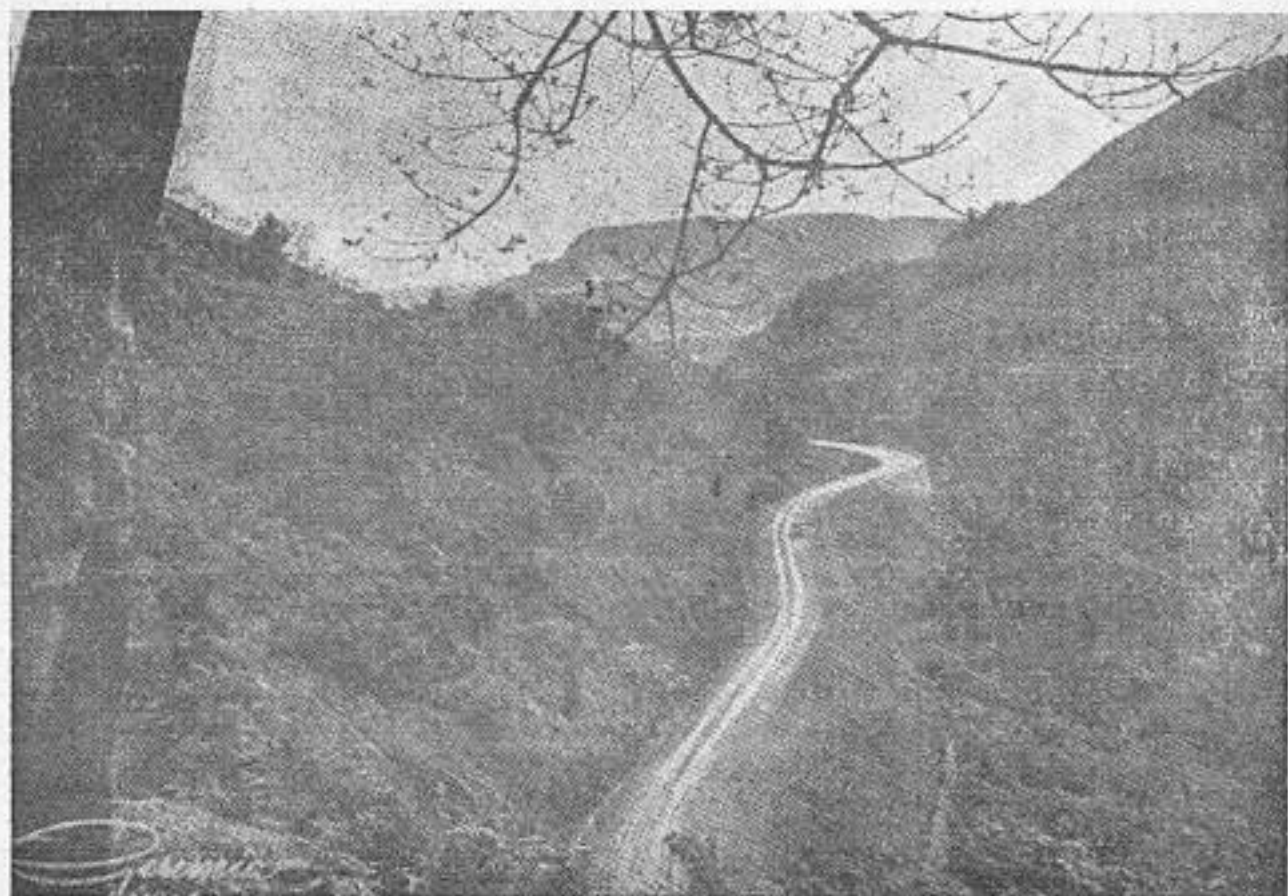


Fig. 17 — Subida para Caxias do Sul, perto de Galópolis

A passagem por esta parte da encosta do planalto é como que uma viagem ao passado. Esta deve ser a paisagem mais semelhante à que havia quando a colonização ainda estava em início. A rodovia Getúlio Vargas foi aberta somente há 4 anos neste trecho, por isso ainda não teve tempo para influir na mudança da paisagem. Ela permanece como antes da abertura da rodovia.

Vêm-se relativamente poucos caminhos vicinais e pouco gado. As casas são geralmente velhas e mal conservadas. A maior parte da população não fala português, mas um alemão dialetal, corrompido. É uma gente pobre; muito diferente da que encontramos antes, em Dois Irmãos.

Ai é o sertão, o predomínio absoluto das matas, apenas interrompidas esporadicamente por uma ou outra rocinha acanhada, nos lugares onde o declive é um pouco menos abrupto. (fig. 17).

É no mais longo desses vales de anecúmeno, junto a Galópolis, que esbarrou o povoamento alemão, deixando um vazio entre ele e a área de colonização italiana.

2 — Alto Feliz — Emboaba

Quando se percorre a encosta da Serra entre Emboaba e Alto Feliz, tem-se a impressão de que há mais prosperidade que no trecho atravessado pela rodovia Getúlio Vargas. É verdade que aqui a encosta tem declives mais suaves, porque es-

tando esta parte mais próxima do vale do rio principal, o Caí, alcançou um ciclo de erosão mais avançado. Não se vêem aqueles vales estreitos, profundamente encaixados, semelhantes a cañons, que oferecem obstáculo ao povoamento.

Além da topografia, os colonos desta parte gozaram de outra vantagem: sendo o vale do Caí a via tradicional de acesso ao Planalto, nêle houve sempre maiores facilidades do que nas outras partes da encosta para a exportação dos produtos e para o contato cultural com os centros mais adiantados.



Fig. 18 — Lotes coloniais na encosta superior do Planalto, perto de Alto Feliz. Os campos de cultura são pequenos e limitados por cercas vivas para impedir a penetração do gado. As capoeiras em diferentes estágios de crescimento indicam que o sistema agrícola empregado é o da rotação de terras. (Foto do autor, 1.3-1948)

As casas são geralmente pequenas, porém limpas. As propriedades têm área reduzida e isto se reflete na tamanho dos campos de cultura. Estes são, na maioria das vezes, limitados por cercas vivas ou por muros de pedras empilhadas, retidas durante a limpeza dos campos. Estas cercas, servem para proteger as lavouras contra as incursões do gado (fig.

18). Contudo, o sistema agrícola predominante ainda é o da rotação de terras.

Todos esses indícios de prosperidade desaparecem se se toma um caminho vicinal. Logo adiante, torna-se a encontrar as mesmas condições tristes do *Bergbauer*: propriedades relativamente pequenas, solo exausto pelo longo cultivo e pelo emprego de um sistema agrícola primitivo, pouco ou nenhum gado, preço das terras muito alto, famílias numerosas, gente doente, esgotada, muito diferente das que se encontram, no vale do Caí (fig. 19)... Os colonos jovens não podendo comprar terras nas proximidades, emigram para o oeste de Santa Catarina.

V — CONSIDERAÇÕES SOBRE AS COLONIAS ALEMÃS

Fazendo um balanço nos resultados obtidos na área colonial alemã, somos levados a concluir que a obra de colonização foi coroada de êxito, apesar de todas as restrições que se poderão fazer. Deve-se levar em conta os inúmeros obstáculos que os colonos encontraram no caminho do êxito. Desses obstáculos, o maior parece ser o clima. Ele é inteiramente desfavorável para colonos oriundos de regiões temperadas. A maior parte da área colonial alemã está abaixo da cota de 100 metros, numa baixada situada na raiz de uma serra e sem os benefícios da proximidade do mar, cuja brisa vem amenizar as temperaturas elevadas, durante as noites de verão em Porto Alegre.

Nestas condições, embora sendo de 25.º a temperatura média do mês mais quente (janeiro) nos arredores de São Leopoldo, a máxima absoluta aí observada ultrapassou os 42.º centígrados. No verão são numerosos os dias de calor abafado, sufocante!

Por outro lado, o tifo é endêmico e ocorre todos os anos, periodicamente, nas áreas rurais. Na cidade de São Leopoldo, segundo informou o Dr. Mário Sperb, o tifo desapareceu no fim da década de 1920.

Ora, se os alemães encontraram aí condições tão inconvenientes, por que não subiram para o planalto, já que eles chegaram antes dos italianos? Aí, se bem que eles não encontrassem um solo rico, pelo menos achariam uma topografia mais suave e um clima muito mais ameno. Não houve ninguém que nos desse uma resposta satisfatória a essa pergunta; o problema continua em aberto. Alguém sugeriu que os colonos alemães evitam cultivar em terras que têm pinheiros, porque

acreditam que o solo é pobre. Este fato não nos foi confirmado pelos colonos, nem se verifica em outras colônias do Brasil meridional. A realidade, entretanto, é que nesta parte do Rio Grande do Sul, os colonos alemães não subiram além da cota dos 750 metros.



Fig. 19 — Colono de origem alemã, perto de Alto Feliz, empunhando uma cavadeira que o pai dele usou. (Foto do autor, 1-3-1948).

O êxito que tiveram as colônias alemãs na baixada, são uma prova de que os fatores econômicos são mais significativos para o progresso de uma colônia do que os propriamente geográficos. Entretanto, a falência da colonização nas encostas íngremes são uma prova de que os elementos geográficos não são desprezíveis.

VI — O PLANALTO

1 — Descrição Geral

Contrastando com o relevo profundamente dissecado da encosta, o planalto apresenta uma topografia ondulada. Em seu conjunto, ele é uma superfície estrutural. Os derrames sucessivos de trapp mais ou menos horizontais concorrem para o predomínio de chapadas nos topos e de terraços estruturais nas encostas. Em consequência disso, os altos das ele-

vações, que regulam em geral pelos 100 a 150 metros de altura relativa, formam uma superfície muito regular que corresponde ao nível superior do planalto.

A drenagem é feita pelos altos cursos de rios e arroios, dos quais antigos ciclos de erosão foram preservados. É comum encontrar-se no planalto, cabeceiras de córregos formando várzeas perfeitamente planas de solo escuro, turfo-so e cobertas de gramíneas.

As rochas que constituem esta parte do planalto meridional brasileiro são principalmente meláfiros e diabásios. Entretanto, ao contrário do que se poderia presumir, o solo não é de terra roxa, porém muito diferente. Os solos desta região são geralmente rasos, com 20 a 30 centímetros de profundidade em média, têm coloração castanho-escuro, com uma fina camada superior escura de húmus, de cerca de 5 centímetros de espessura. Embora não disponha de dados concretos quanto à sua composição química, acredito que sua fertilidade seja entre mediana e pobre.

No planalto, parece que a natureza se divertiu em criar contradições. Apesar do solo raso e pouco fértil, parte dele é coberto de mata. Vi, em alguns cortes de estrada, as raízes das árvores penetrando através das fissuras da rocha em decomposição.

A mata original era uma floresta de angiospermas de folhas perenes, contendo pinheiros (*Araucaria angustifolia*). As araucárias começam na encosta a 450 metros, altitude do povoado de Morro Reuter.

Tive oportunidade de observar o limite entre a mata e o campo em dois lugares: a nordeste da vila de São Marcos e a 3 ou 4 quilômetros a oeste da vila Sêca.

A causa pela qual há mata de um lado e campo de outro, formando uma linha nítida de separação, não ficou de modo algum clara (fig. 20). No campo, o clima é tal que poderia sustentar u'a mata. Não obstante as opiniões expostas por Lindmann, no seu livro *A vegetação do Rio Grande do Sul* e pelo padre Rambo que o fez verbalmente a nós — opiniões de que o climax foi rompido e que a mata está invadindo o campo — ainda têm que ser aceitas apenas como teorias.

Os cortes do solo feitos pela estrada não nos levaram absolutamente a deduzir que aquela deveria ser uma zona de campo. Em muitos lugares o solo se apresentava espesso, com uma camada supe-



Fig. 20 — Limite entre as terras de mata e de campo, perto de São Marcos. O campo está aquém do pequeno vale, que drena para a direita. As terras além do vale são de matas, em grande parte devastadas. O bloco solto, no primeiro plano, à esquerda, e o afloramento são de meláfiros, recobertos por uma camada de liquens.
(Foto do autor — 27.2-1948).

rior escura, rica em húmus. É possível que a maior riqueza em quartzo da rocha matriz concorra para a maior pobreza do solo. Perto de São Marcos, vê-se realmente, de vez em quando, uns pedaços de quartzo na superfície do solo, perto dos afloramentos. Mas, próximo à vila Sêca, a rocha não aflora nem é visível nos cortes; o solo é castanho muito escuro e rico em húmus.

Se compararmos estes campos limpos com os do Planalto Central há uma particularidade que distingue perfeitamente uns dos outros. No Sul, a vegetação dos campos forma uma cobertura contínua de relva e tem geralmente uma altura de 30 a 50 centímetros. Os campos limpos do Planalto Central são constituídos por tufo de capim, separados entre si por trechos de solo desnudo. Os tufo têm aproximadamente a altura de 50 a 100 centímetros. O próprio aspecto da vegetação sugere que os campos limpos do Sul são mais ricos que os do Planalto Central. Certamente, para isso, a diferença entre o clima do Planalto Central e o do Sul do Brasil tem uma influência decisiva. Neste as chuvas são regularmente distribuídas durante o ano todo e o capim fica sempre verde. No Planalto Central, a estiagem pronunciada que ocorre durante o inverno, deixa as pastagens duras e requeimadas. Apesar disso, os campos do Sul são considerados impróprios para a agricultura; nêles só se pratica a pecuária. Segundo informou o Sr. Vitório Ranzolin, agente municipal de Estatística de Caxias do Sul, nas fazendas de gado dêsse município, não se leva a efeito nenhuma espécie de lavoura, nem mesmo a de subsis-

tência. Todos os produtos agrícolas são exportados para lá, vindos das zonas coloniais, situadas em terras de mata.

As matas do planalto foram povoadas por colonos italianos. Enquanto de um lado o limite entre a mata e o campo representa grosseiramente o contacto entre a colonização italiana e o elemento luso-brasileiro, do outro, a borda do planalto corresponde mais ou menos ao limite entre as colônias italianas e alemãs.

A consequência é que o Planalto se distingue da Encosta e da Baixada tanto pela fisiografia quanto pela geografia humana.

O próprio tipo antropólogo da população é diferente. Nas colônias alemãs predomina o tipo louro, alto, de crânio alongado. Nas italianas, a variedade de raças é maior: encontram-se o tipo mediterrâneo, baixo, moreno, de cabelos pretos lisos ou ondedados; o tipo alpino, claro, de rosto redondo e olhos azuis ou cinzentos, e o tipo dinárico, longilíneo, de cabelos escuros.

Estes tipos diferem, por sua vez, da população da zona de campos onde, além do elemento luso-brasileiro, é abundante o contingente de negros e mulatos, resultante da importação de mão de obra escrava pelas fazendas de gado de Serra Acima.

VII — CAXIAS DO SUL

Caxias do Sul é a capital do Planalto.

Quem olha o reticulado perfeitamente geométrico da planta da cidade, que se assemelha a um tabuleiro de xadrez, compreende que o aglomerado urbano foi cui-

dadosamente planejado desde a construção de suas primeiras casas (fig. 21).

A evolução de Caxias do Sul está estreitamente veiculada à história da colonização italiana no planalto, especialmente nos primeiros tempos.

Baseado talvez na experiência colhida com o malôgro das colônias alemãs longínquas e isoladas, organizadas nos arredores de Tórres e nas Missões, o nosso governo escolheu, na década de 1870, a área de Caxias do Sul, Garibaldi e Bento Gonçalves para dar início à colonização oficial com elementos provenientes da Itália do Norte, principalmente da Lombardia, do Vêneto e do Trentino.

lianos, que foram povoar o atual município de Caxias do Sul. A subida para o planalto foi feita pelo vale do Cai. A partir da vila Feliz, viajava-se através de uma picada primitiva, em dorso de mulas ou a pé. Esse foi o caminho pelo qual se fez o comércio externo da colônia, durante muitos anos. Foi progressivamente melhorando para estrada carroçável e depois de rodagem.

Uma vez chegados os colonos ao planalto, foi escolhido um sítio para o núcleo da colônia. O sítio seleccionado foi o de uma clareira artificial na mata, feita pelos índios Caáguas, que aí tinham anteriormente uma aldeia.¹⁶ Daí o primitivo

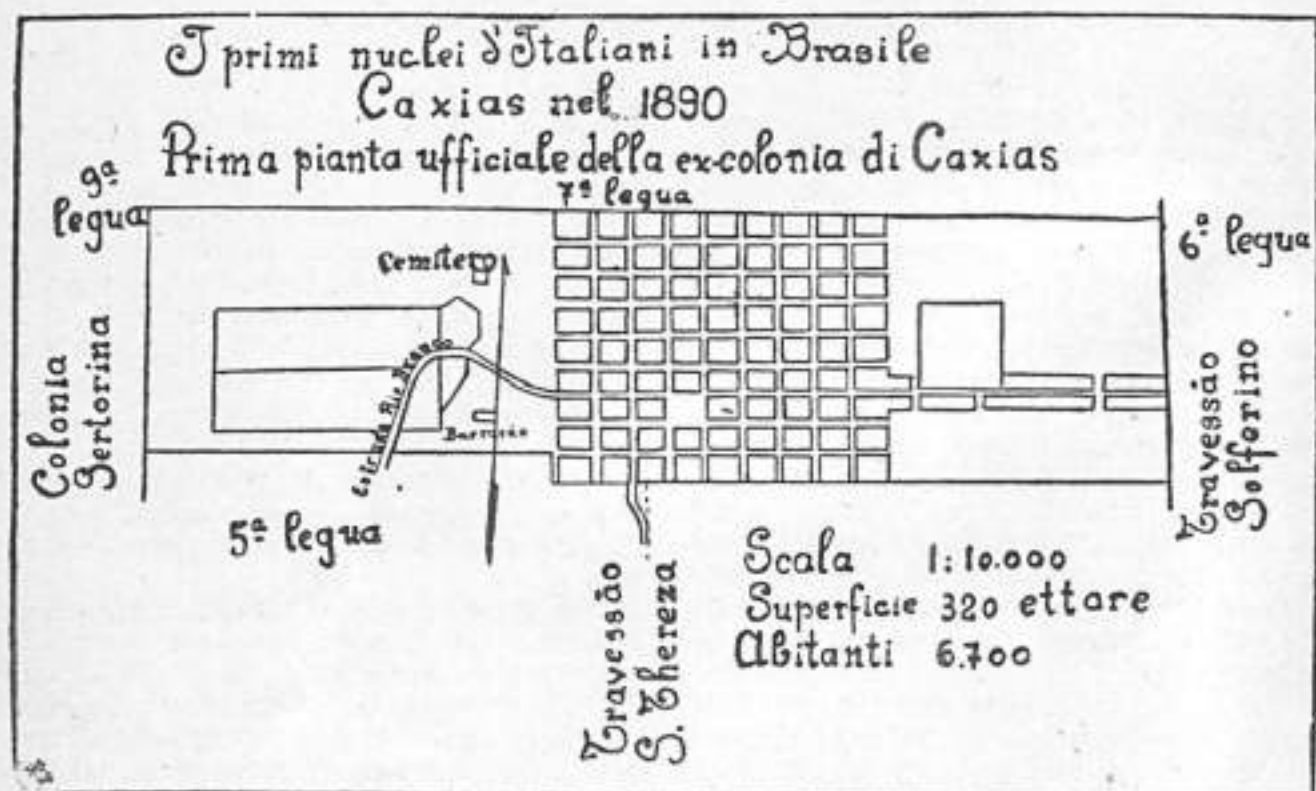


Fig. 22 — Primeira planta oficial de Caxias do Sul

Segundo informa o Dr. Celeste Gobatto¹⁵, a escolha recaiu sobre essa região, porque era a propriedade do governo mais próxima à capital do estado.

E' possível que outros fatores, tais como clima e altitude, tenham sido levados em consideração, posto que a maioria dos colonos vinha dos vales alpinos, mas desconheço documentos históricos que me permitam tal afirmação.

Em meados de 1875, chegaram ao planalto as primeiras famílias de colonos ita-

nome do lugar, que se chamou Campo dos Bugres. Caxias do Sul é, portanto, pela sua origem, uma cidade de borda de mata. O fato de o campo ter sido artificial, pouco importa no caso. Resta saber porque esses índios, estando a alguns quilômetros de distância do limite natural entre o campo e a mata, preferiram internar-se nesta última.

A parte mais antiga da cidade, que corresponde à praça Dante Alighieri e à avenida Júlio de Castilhos, deve ter sido

15 GOBATTO, C. e outros: Cinquantenário della Colonizzazione Italiana nel Rio Grande del Sud, p. 150.

16 ALVARO FRANCO: Abramo já tocou..., p. 40.

CAXIAS DO SUL

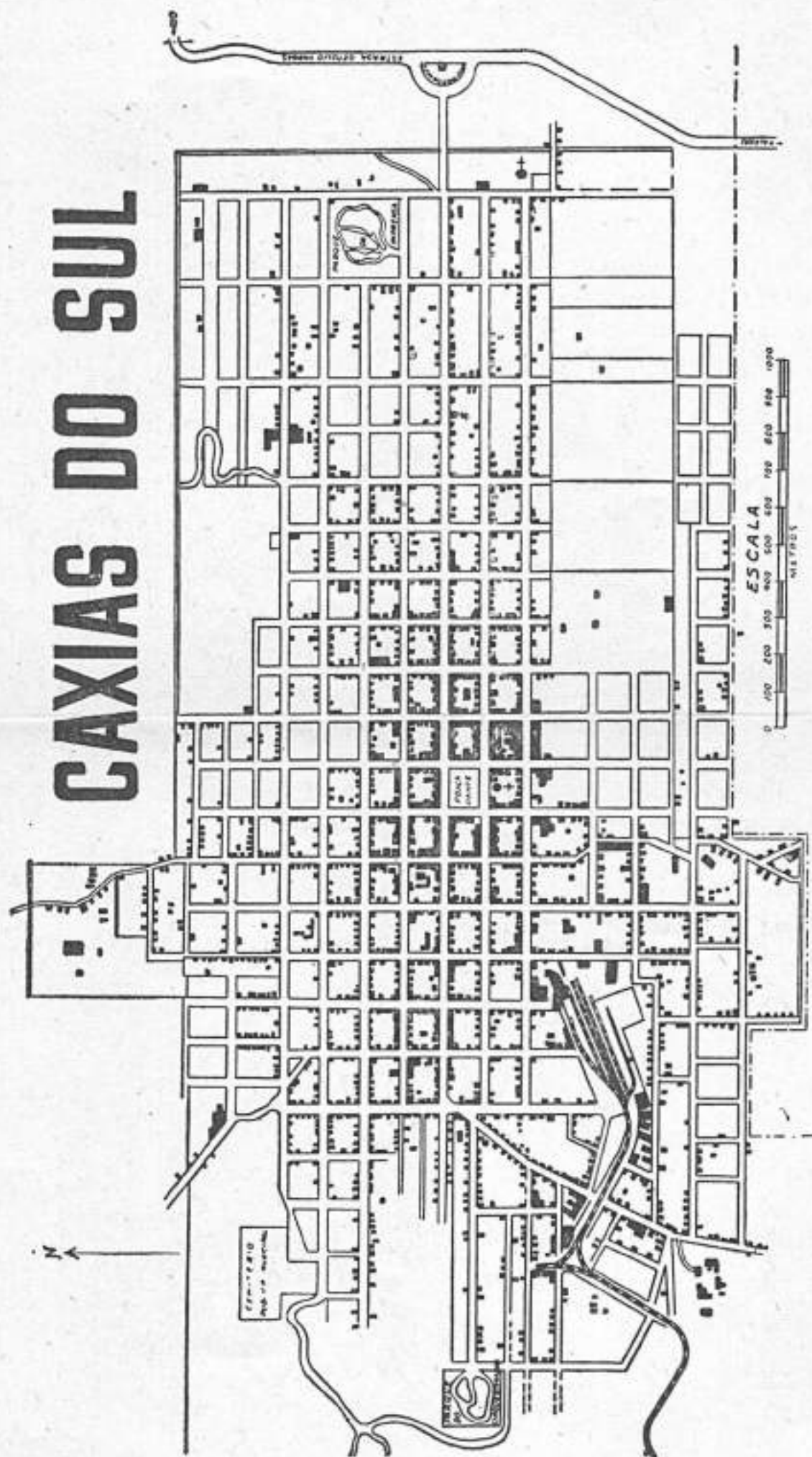


Fig. 21 — Planta atual da cidade de Caxias do Sul

construída na área primitivamente ocupada pelo Campo dos Bugres. Ela está situada no alto de um espigão, que divide as águas de pequenos córregos, na altitude de 780 metros, aproximadamente (fig. 23).

A razão que deve ter levado os índios a construir sua aldeia num espigão, é que a situação num ponto mais elevado, colocava-os em superioridade na defesa contra um ataque inimigo.

A cidade se foi desenvolvendo sempre obediente ao mesmo traçado. Até hoje o plano urbanístico só tem sido ampliado. Nenhuma alteração foi feita na estrutura inicial da planta, conforme se pode verificar pelas figs. 21 e 22.

O progresso da cidade foi favorecido pelo fato de que, junto com os colonos que se iam dedicar à lavoura, vieram também artesãos e pequenos comerciantes que desempenharam funções essencialmente urbanas. E, como era natural, a maior parte desses elementos se foram fixar em Caxias do Sul.

Na área da colonização antiga, verificou-se na zona italiana, um fenômeno idêntico ao que sucedeu na zona alemã: criou-se uma indústria que evoluiu a partir de um artesanato rural. Mas essa in-

dústria teve aqui um caráter inteiramente diferente. Na década de 1870, a Itália já tinha recebido o impacto da revolução industrial, o que não tinha acontecido à Alemanha de 1830. Por isso, a indústria do planalto mais jovem, cresceu num ritmo mais vigoroso, dando origem a grandes empresas. Em vez do grande número de fábricas de artefatos de couro, que caracteriza a área colonial alemã, desenvolveu-se no planalto um número menor de estabelecimentos grandiosos de metalurgia, tecelagem e de indústrias ligadas à agricultura — vinho e farinha de trigo.

Das usinas metalúrgicas estabelecidas na cidade de Caxias do Sul e suas vizinhanças imediatas, as mais importantes são as das empresas Abramo Eberle (fig. 24) e Gazola & Travi.

Dentre as fábricas de tecidos, sobressaem as de fazendas de casimira. Existem ainda no município cinco malharias, sete fábricas de rayon e outras de menor vulto, cujo principal centro é a própria cidade de Caxias do Sul.

A grandeza e diversificação das indústrias de Caxias do Sul tiveram de lutar contra vários fatores decorrentes da posição desfavorável da cidade. Esses obstáculos se fazem sentir especialmente na

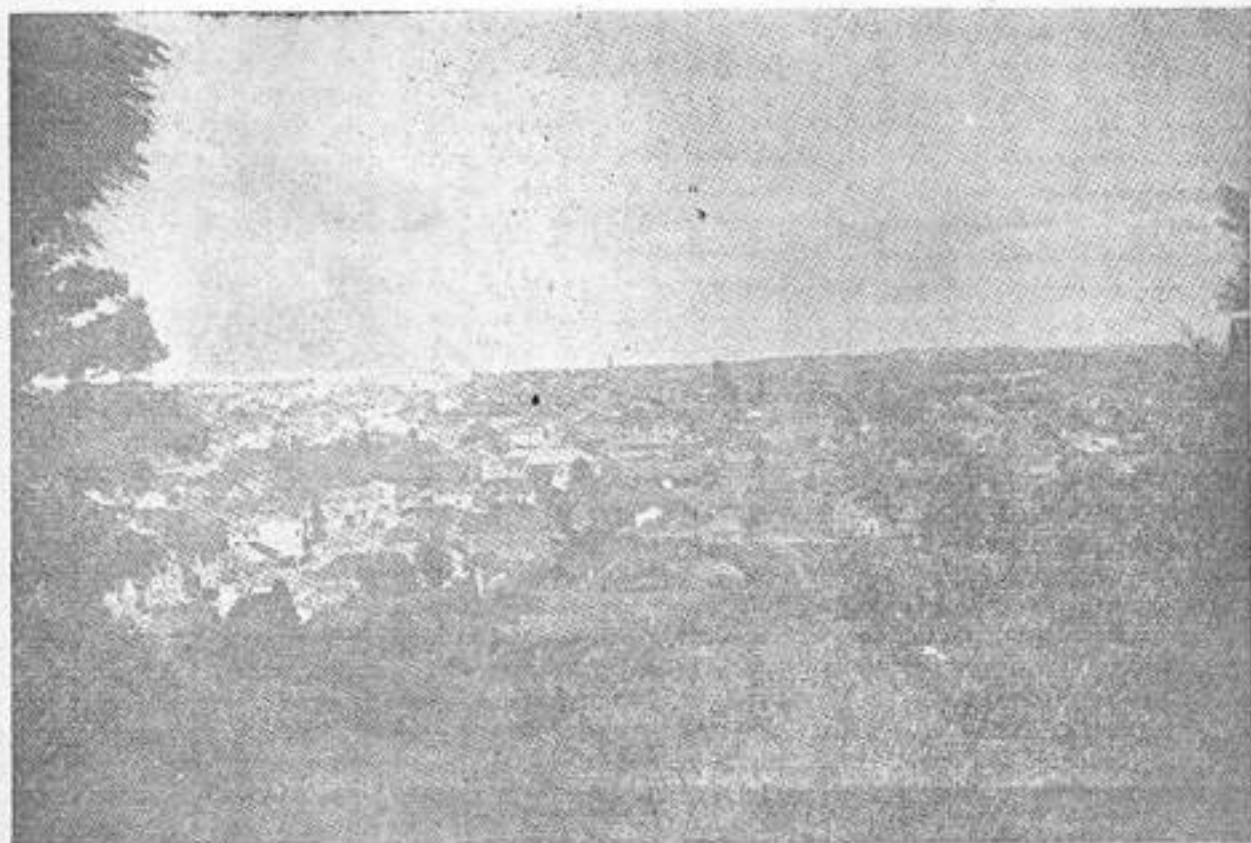


Fig. 23 — Vista parcial de Caxias do Sul, tomada do morro da Caixa D'Água

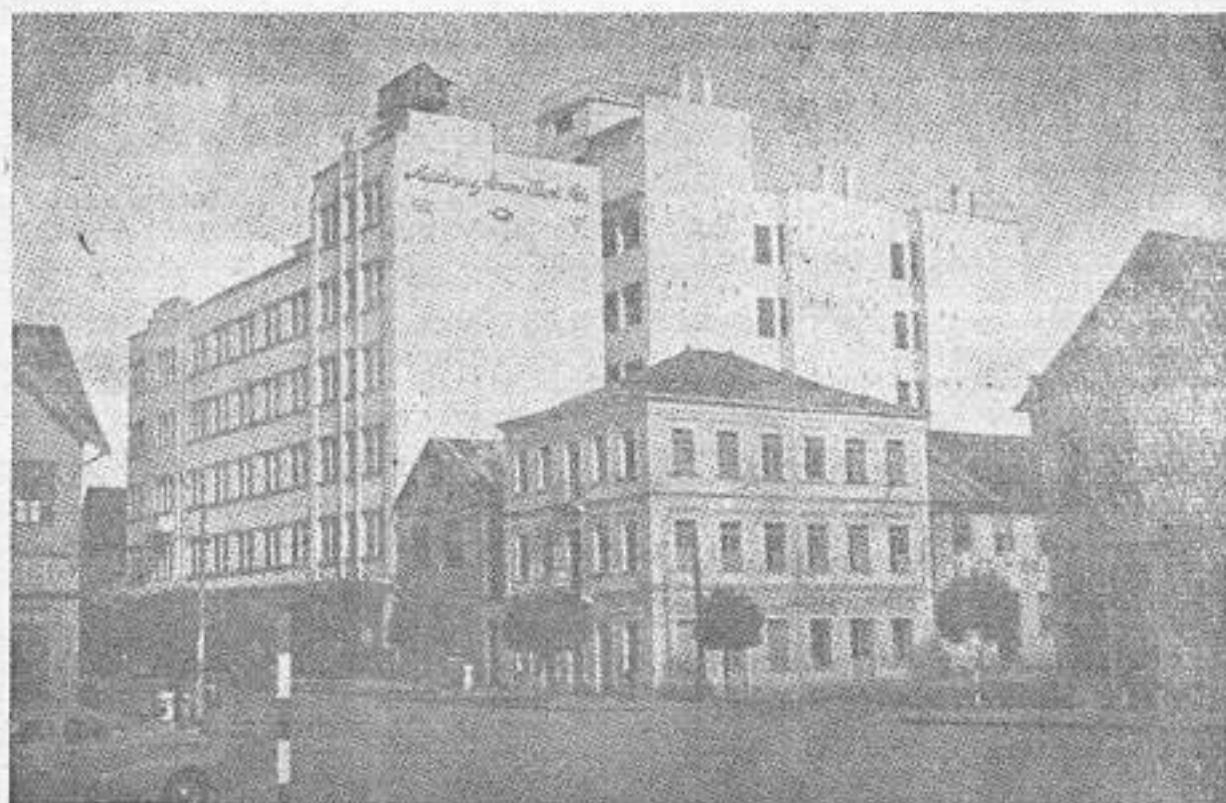


Fig. 24 — Edifício principal da Metalúrgica Abramo Eberle Ltda., em Caxias do Sul. A pequena casa de madeira que se vê no alto do edifício é a primitiva loja do fundador da firma, Sr. Abramo Eberle, que aconservou, como reliquia dos seus tempos de artífice. (Foto do autor — 29-2-1948)

indústria metalúrgica, que tem de lidar com material volumoso e pesado.

Como centro industrial, Caxias do Sul, tem, em primeiro lugar, a desvantagem de estar muito afastada dos grandes mercados, como Rio, São Paulo, e Buenos Aires. Pôrto Alegre, como centro de consumo, tem capacidade limitada; além disso, tem ela própria algumas usinas metalúrgicas, bem como um parque industrial mais próximo em São Leopoldo.

Para chegar a Caxias do Sul, a matéria prima é transferida do vapor para um meio de transporte terrestre — trem ou caminhão — em Pôrto Alegre e daí galga a escarpa da Serra. Na exportação de produto acabado, faz-se a mesma trajetória em sentido contrário. Os fretes oneram terrivelmente as mercadorias. Se essa metalurgia estivesse localizada em Pôrto Alegre, todo o percurso terrestre seria praticamente suprimido. São Leopoldo mesmo já desfruta de uma posição vantajosa em relação a Caxias do Sul, porque elimina as subidas e descidas da Serra.

Também não é a proximidade das fontes de matéria prima, que favorece a in-

dústria de Caxias do Sul. As suas usinas usam como matéria prima produtos semi-acabados, tais como lingotes de ferro, vigas, chapas e fios de metais variados, etc. E essa matéria prima vem quase toda dos Estados Unidos. Não existe tampouco para Caxias do Sul, a possibilidade de vir a montar uma indústria pesada em moldes econômicos para abastecer a sua própria metalurgia. Ela está longe das jazidas de ferro e de carvão.

Isto, que é verdade para a metalurgia, o é também para a indústria de tecidos, porque a lã para a confecção da casimira e das roupas de malha vem da região fronteiriça da campanha.

Há certo número de indústrias que, pelo fato de requerer muita energia, procuram colocar-se junto às fontes que a produzem. Caxias do Sul não está, igualmente, bem situada em relação às fontes de energia. Não existem em seus arredores combustíveis minerais, e a própria mata foi reduzida a capoeiras por quase toda parte, em consequência da agricultura extensiva baseada na rotação de terras.

Estando situada numa região de altos cursos fluviais, na qual antigos ciclos de erosão estão preservados. Caxias do Sul não possui em suas imediações, nenhuma cachoeira que possa fornecer energia elétrica em quantidade apreciável. Pelo mesmo motivo, não se poderá empreender a construção de represas em condições semelhantes. O transporte da eletricidade a partir da escarpa da Serra será sempre a melhor solução.

Por que se obstinou então o homem em fazer de Caxias do Sul um centro industrial importante, apesar de tantas circunstâncias desfavoráveis?

Sem dúvida alguma, a mão de obra abundante, barata e especializada, representada pelos colonos italianos, foi um elemento ponderável para a criação e o desenvolvimento da indústria em Caxias do Sul e no Planalto em geral. Mas certamente o fator decisivo foi o espírito empreendedor de alguns colonos, dentre os

quais Abramo Eberle merece especial menção.

A conclusão da estrada de ferro, que se deu em 1.º de junho de 1910, foi um ponto singular na história de Caxias do Sul. No mês seguinte ela era elevada à categoria de cidade. As indústrias receberam um impulso. Contudo, a via férrea não trouxe uma solução definitiva para o problema dos transportes, porque as mercadorias levavam 20 dias para chegar ao porto do Rio de Janeiro, dos quais 8, no mínimo eram gastos nos vagões da estrada de ferro entre Caxias do Sul e Porto Alegre.¹⁷ A melhor solução para esse problema foi encontrada com a recente construção de boas estradas de rodagem, que colocaram Caxias do Sul a duas horas e meia de Porto Alegre, a três dias de São Paulo e a quatro do Rio.

Caxias do Sul é, portanto, um aglomerado cujo «sítio» é fácil de explicar, mas que é absolutamente desprovido de «posição», no sentido geográfico do termo.

17 Op. cit., p. 210.